



**CORPO EPISTÊMICO NA/DA FRONTEIRA DA EXTERIORIDADE –  
biografías (des)iguais sociais**

**CUERPO EPISTEMICO EN LA FRONTERA EXTERIOR – biografías  
sociales (des)iguales**

**EPISTEMIC BODY ON / OUTSIDE BORDER – social (un) equal  
biographies**

**Edgar César Nolasco<sup>1</sup> & Marina Maura de Oliveira Noronha<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O corpo implica um discurso por uma epistemologia outra, tal como vem sendo pensado o corpo pela estrutura dicotômica do sistema moderno colonizador. Deste modo, busco uma leitura crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015) para discutir uma ânsia inscrita nos corpos da exterioridade. Por uma biografia (des)iguais sociais me valerei dos corpos das diferenças que foram cerceados ao longo dos tempos e que ainda os são pelos discursos colonial/moderno, “barrados” entre razão/emoção inserido no cogito cartesiano. Por isso, o corpo epistêmico fronteiriço aqui está assentado nos conceitos da exterioridade e fronteira, que partem de suas especificidades, num espaço/tempo de um lócus geoistórico. Por isso, tomo das reflexões de críticos que tratam do lócus enunciativo da fronteira Edgar César Nolasco e Marcos Antônio Bessa-Oliveira, assim como críticos que sustentam a discussão cultural Anibal Quijano, Ramón

---

<sup>1</sup> Edgar César Nolasco é professor da UFMS e Coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – CNPq-UFMS e Pesquisador-visitante e Associado do PACC-UFRJ. Email: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

<sup>2</sup> Marina Maura de Oliveira Noronha é Mestranda em Estudos da Linguagem na UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – e membro do Grupo de Pesquisa NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados (UFMS/CNPq). Email: [marina.m.noronha@gmail.com](mailto:marina.m.noronha@gmail.com).

Grosfoguel, Leonor Arfuch e outro. Minha opção decolonial do corpo é romper as fronteiras epistemológicas estabelecidas por um saber universal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo epistêmico; Exterioridade; Crítica biográfica fronteiraça.

**RESUMEN:** El cuerpo implica un discurso a través de otra epistemología, tal como el cuerpo ha sido pensado por la estructura dicotómica del sistema de colonización moderno. De esta manera, busco una lectura biográfica crítica de la frontera (NOLASCO, 2015) para discutir un impulso inscrito en los cuerpos del exterior. Para una biografía (social) igual, utilizaré los cuerpos de las diferencias que se han reducido con el tiempo y que todavía lo son por los discursos coloniales / modernos, "excluidos" entre la razón / emoción insertada en el cogito cartesiano. Por esta razón, el cuerpo epistémico fronterizo se basa aquí en los conceptos de exterioridad y frontera, que parten de sus especificidades, en un espacio / tiempo de un locus geohistórico. Por esta razón, tomo las reflexiones de los críticos que tratan el locus enunciativo de la frontera Edgar César Nolasco y Marcos Antônio Bessa-Oliveira, así como los críticos que apoyan la discusión cultural Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Leonor Arfuch y otros. Mi opción decolonial para el cuerpo es romper los límites epistemológicos establecidos por el conocimiento universal.

**PALABRAS CLAVE:** Corpo epistêmico; Exterioridade; Crítica biográfica da Fronteiraça.

**ABSTRACT:** The body implies a discourse for another epistemology, as has been thought or the body by the dichotomous structure of the modern colonizing system. In this way, I seek a critical biographical reading of the border (NOLASCO, 2015) to discuss an urge inscribed on the bodies of the exterior. Through a social (un) equal biography I was evaluated in the bodies of the differences that have been surrounded over time and that are still the colonial / modern discourses, "barred" between reason / emotion inserted in the Cartesian cogito. For this reason, the border epistemic body is approved here in the concepts of exterior and frontier, which start from their specificities, in a space / time of a geo-historical symbol. Therefore, I take the reflections of criticisms that deal with the enunciative discourse of the border Edgar César Nolasco and Marcos Antônio Bessa-Oliveira, as well as criticisms that support a cultural discussion Anibal Quijano, Ramón Grosfoguel, Leonor Arfuch and others. My decolonial option for the body is to break through epistemological boundaries applicable by a universal saber.

**KEYWORDS:** Epistemic body; Exteriority; Biographical critique of Fronteiraça.

Enfim, precisamos aprender a desaprender a pensar teoricamente a partir do lócus no qual nos encontramos, posto que nosso corpo encontra-se situado a partir daí, bem como nosso pensamento. Nosso corpo também faz parte da epistemologia da qual nos valem para pensar e nos pensar. (NOLASCO, 2019, p. 13)

O corpo epistêmico fronteiro é um corpo que não está exclusivamente inscrito na ideia que temos de corpo disciplinado, fisicamente “preparado” e não é também o corpo que tem especificado os movimentos moderno/ocidentais como únicas diretrizes. Portanto, este corpo epistêmico fronteiro é diferente! Onde então estará esse corpo? Uma coisa é certa: ele não se divide entre razão e emoção. Por isso, “esses conceitos precisam ser descolonizados e tal só pode ser conseguido por meio de uma epistemologia descolonial que assume abertamente uma geopolítica e um corpo-política do conhecimento descoloniais” (GROSFUGUEL, 2008, p. 48-49). Pois, ao contrário de corpo da/na fronteira (da exterioridade) ainda a ser aqui discutido, esse corpo certamente se inscreve na relação concreta da sensibilidade biográfica e na razão do movimento do corpo epistêmico fronteiro<sup>3</sup> encenado simultaneamente.

Deste modo, o corpo movimenta-se da/na fronteira “lugares” *outros* corpos/lugares, dando sentidos variáveis a lugares outros que a ele se atribuem. Nessa direção, abordar essa questão atravessado pela crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) é o que de fato permeará toda essa discussão. A abordagem crítica fronteira é exatamente para dar voz ao sujeito da diferença. Logo, leva-o a privilegiar seu biólócus, ou seja, sua história, sua memória a partir do seu lugar de fala, um ganho que lhe dá o direito de ser/sentir/(re)existir da/na fronteira e que assim induz o corpo da exterioridade produzir uma epistemologia subalterna que vem das bordas, das margens externas – do corpo/lugar “é o corpo dono do seu discurso e de suas fronteiras que se permite ou não afetar-se pelos contatos” (BESSA- OLIVEIRA, 2017, p. 6). Desse modo, um corpo que é político e que fala daquilo que o atravessa e do que é necessário falar para ser visto.

O corpo pensado epistemologicamente da/na fronteira é um corpo da exterioridade, por isso descolonizar o corpo implica discutir uma epistêmica outra, que discute e valida o corpo como lugar de possibilidades sempre (re)inventadas, sempre para descobertas e a serem descobertos a partir do seu biólócus. Assim, a inserção de meu lócus neste trabalho alicerçada pela Crítica biográfica Fronteira. Pontua este meu lugar como condição de *divido* que escreve e vive na/da fronteira

---

<sup>3</sup>A ideia de corpo epistêmico fronteiro está assentada na formulação dessa ideia de espaços ocupados por corpos não reconhecidos, que não “existem” para o pensamento ocidental moderno que estabeleceu um modelo de corpo cientificista a ser per(seguido) que pensa hegemônico, por isso existe!

para narrar os “corpos” outros levando a compreensão que é a partir do seu lócus geoistórico que se abrigam as nossas impressões de mundo. A idéia é que contemple meu/nossos “corpos” biolocais por meio dessas teorizações assim os corpos outros poderão ser compreendidos. Não só as paridades biológicas o definem, mas fundamentalmente, trazem significados outros que podem nos levar para o entendimento desse corpo epistêmico fronteiro para saberes outros como nossas narrativas de corpos da exterioridade que sou e somos estabelecidos pela interioridade retórica do pensamento moderno/colonial. Nessa direção Ramon Grosfoguel reitera:

Contudo, a análise do sistema-mundo não encontrou uma maneira de incorporar os saberes subalternos nos processos de produção de conhecimento. Sem isto não pode haver uma descolonização do conhecimento nem uma utopística capaz de superar o eurocentrismo. A cumplicidade entre as ciências sociais e a colonialidade do poder na produção de conhecimento e dos desenhos imperiais globais requer novos lugares institucionais e não-institucionais, a partir dos quais o subalterno possa falar e ser ouvido. (GROSFOGUEL, 2008, p. 71)

Entendendo corpos outros como o corpo epistêmico fronteiro que não é pensado de forma sistematizada, contrapõe os corpos narrados e mal contados pelo pensamento moderno/colonial que, vem tentando aniquilar, por longos e sombrios tempos os corpos estes que ficaram de fora da interioridade da história moderna hegemônica, assim como o meu corpo da fronteira sul. No entanto, minha inscrição do/no corpo está na emergência de resituar o “lugar” desse corpo outro. Percebe-se que esse corpo se vale do seu biolócus como lugar que partem das suas especificidades, como entendo também que o corpo epistêmico sendo, sentindo e (re)existindo da/na fronteira (re)side das narrativas fronteira bios/locais. Portanto, esse corpo está em reflexão, numa perspectiva da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) traçado pelo meu corpo narrado, a partir de Campo Grande – Mato Grosso do Sul, que faz divisa com Brasil/Paraguai/Bolívia. Nessa direção lugar que erijo meu discurso como um espaço/lugar outro que não situa única e exclusivamente no saber disciplinar moderno de natureza ambígua.

E se tratando dos “corpos” negados por vias do entendimento do *dis(corpo)sirvo*, como corpo do indígena, do negro, da mulher, do homossexual, do pobre e outros. Esses corpos [...] mostra[m] bem essa (CON)(TRA)tradição entre os corpos “perfeitos” e “imperfeitos” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 86) nessa direção, os corpos são induzidos e seduzidos a fazerem um trajeto contrário

desobediente ao estabelecido pelo saber/corpo imperante colonial/moderno. O corpo aqui em (ex)posição está relacionado a compreensões epistêmicas outras que partem de uma “estética” da sensibilidade biográfica/local.

O corpo da/na fronteira sul o lugar de onde resido e (re)existir, é compreendido como um lugar diferente de meio, contrário ao lugar do centro, avesso aos lugares das margens, mas é um lugar das minhas especificidades biográficas. O conceito de corpo epistêmico fronteiro está para a ideia de ocupar um lugar que não se inscreve no centro porque é o lugar moderno por natureza imposta, também não é a ideia ocupar o lugar da margem, pois foi delegado pelos discursos dos poderes hegemônicos aos menos favorecidos. Portanto, o corpo epistêmico fronteiro é um corpo biográfico – específico construído a partir de seus próprios saberes em constantes alterações com os conhecimentos dos outros corpos.

Se os limites dissimulam ou obstruem, as fronteiras exteriorizam imagens de corpos que, por sua vez, são reflexos dos olhos do mundo. Há corpos teóricos. Territórios disciplinares são corpos teóricos constituídos pelos objetos conceituais e metodológicos que concedem visibilidade aparentemente autônoma aos campos específicos do conhecimento. Tais corpos teóricos são também feitos de limites e de fronteiras que sugerem obstruções e aberturas. A despeito dos impedimentos que produzem, os limites dos corpos teóricos disciplinares deixam vazar, através de fronteiras, as margens teóricas e metodológicas dos referidos corpos. (HISSA, 2008, p. 20)

29

Pois, essas e outras discussões sinuosas e escorregadias do “corpo” narradas de um lócus fronteiro não escapam de certa forma, de questões que partem da “estética”, ou seja, á qual corpo pertencemos. Por isso, o meu/nossos corpos da exterioridade estão assentados nesse pressuposto do dis(corpo)sirvo são corpos, desconhecido de um/nosso tempo/histórico, espaço/biográfico e de nossas memórias; que, ainda sob *rasura* (DERRIDA, 2001) nossos corpos continuam narrados pelos discursos “estéticos” dominantes, entre ser ou não ser corpos.

### **O MEU/NOSSOS CORPOS EPISTÊMICOS: narrados por uma biografia (des)iguais**

O lugar central da ‘corporeidade’ neste plano leva à necessidade de pensar, de repensar, vias específicas para a sua libertação, ou seja, para a libertação das pessoas, individualmente e em sociedade, do poder, de todo o poder. E a experiência histórica até aqui aponta para que há outro caminho senão a socialização radical do poder para chegar a esse resultado. Isso significa a

devolução aos próprios indivíduos, de modo directo e imediato, do controlo das instâncias básicas da sua existência social: trabalho, sexo, subjectividade e autoridade. (QUIJANO; SANTOS, 2009, p. 114)

O ato de narrar a partir do corpo e de uma epistemologia fronteiriça aqui é tomado como *variações* de um/seu tempo, espaço que partem do contexto discursivo de cada sujeito, como troca de conhecimento uma história narrada e pensada por meio do *bios* e do lócus, uma sensibilidade biográfica/local que discute o corpo de onde se pensa/sente e vive sua própria história.

Propositalmente no texto, o corpo epistêmico fronteiriço aqui narrado cria-se uma troca de diálogos em que de um lado eu pesquisadora sou doadora e do outro um receptor, essa troca do *nós-eu* é pressuposto na narração, e esta não existe sem o narrador e o receptor (ou leitor). Por meio de diferentes reflexões como condição neste trabalho o meu corpo mulher, de cor, periférica, pobre e latina situo o meu espaço/corpo geográfico neste ensaio, um discurso do corpo da fronteira sendo também de muitos na sociedade brasileira. Nessa direção de *quemfui eu*:

A epistemologia descolonial biográfica como opção para desenvolver as produções [específicas] de lugares/corpos relegados à exterioridade dos pensamentos modernos e pós-moderno está disposta em retomar as questões de [corpos] perdid[os] no espaço-tempo da modernidade. [...] – igualmente o homem ser, viver, sentir, saber e fazer da condição de homem de-fronteira – é valer das ideias e narrativas socioculturais como características biográficas da[s] suas constituições de *quem sou eu* (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 9).

O espaço-tempo está atravessado pelo corpo que privilegia neste texto o meu corpo fronteiriço que se resvala por uma *epistemologia descolonial biográfica*. Que partilha uma experiênciavivência, sua estesia. “Um dispositivo de memória que acha na alteridade do espaço praticado o nexovital de uma estética de um *nós-eu* descolonizado” (MANCILLA, 2019, p. 97) Logo, em busca do meu nossos/corpos perdidos no espaço-tempo da modernidade. Assim tomo para essa discussão uma reflexão outra do corpo no *espaço-tempo*, diferente do descrito pela historiografia universal moderna como já dito.

Nesse sentido, como pontua Benveniste, na obra “A linguagem e a experiência Humana”, há a proposição de um “tempo socializado” que a meu ver pensando nas práticas de sociabilidade como produção de conhecimento foi e ainda é pensado para uns e não para todos. Neste caso os corpos da diferença colonial não comungam desse tempo socializado pensado pela lógica

ocidental/moderna, o meu/nossos corpos somos divergentes dessa temporalidade espacial, continuamos [...] apagados e esquecidos pelos discursos castradores das lembranças e narrativas alheias que acobertaram histórias locais outras [...] (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 159).

A ideia de corpos “entre” lugar/espaco/corpo aqui discutida, pensado no corpo epistêmico fronteiro, transita no lugar do “X” das questões estabelecidas pelo pensamento dual moderno ou são corpos que se dividem com questionamentos sobre a barra (“/”) que estabelece os dois lados – direito/esquerdo – da fronteira que separa o sujeito branco/sujeito preto, pertencentes a um lugar que demarca, alinhava e amalgama os territórios corporais. Então o corpo epistêmico fronteiro aqui em discurso está situado onde o corpo passa e marca ao mesmo tempo os dois lados da fronteira, ora um, ora outro, ocupando um lugar do corpo disciplinar e o lugar do corpo da rua, da periferia e da margem, da razão e da emoção em tempo que o melhor lhe convém. Além de um corpo diferente, o corpo epistêmico fronteiro quer-se um corpo liberto. Portanto, esse corpo epistêmico é disciplina e indisciplina ao mesmo tempo.

31

### **O EU DIS(CORPO)SIRVO em cena da memória**

Compete à crítica que opta pela opção descolonial exumar essas memórias e histórias esquecidas e reinseri-las no debate contemporâneo, respeitando seus lugares e corpos nos quais elas vivem, bem como também não querer tirá-las de sua condição de exterioridade e querer analisá-las à luz da razão universal (interioridade do pensamento ocidental) (NOLASCO, 2013, p. 117-118).

Na cultura contemporânea as *narrativas do eu* corpo vêm se destacando, as biografias, autobiografias, diários íntimos, entrevistas, etc., ganham um protagonismo com o “retorno do sujeito”. No artigo *Narrativas del yo y memorias traumáticas*, Arfuch afirma:

Rostos, vozes, corpos, encarregam-se das palavras, detêm autorias, reafirmam posições de agência ou autoridade, testemunham ter vivido ou visto, despido suas emoções, iniciado uma política de identidade. Um concerto - ou perplexidade - de vozes que povoam com vislumbres biográficos todos os tipos de discursos, violando

os limites, nunca claros, entre público e privado.<sup>4</sup> (ARFUCH, 2012, p. 45, tradução minha).

Com essa ampliação do discurso por meio de gestos, palavras, imagens, movimentos, entre outros, o valor da narração ganha autenticidade no meu fazer teórico. O destaque a essas narrativas de teor biográfico podem se destacar por dois motivos: 1) a possível sintonia corpos narrados por meio da experivivência; 2) a *forma* – narrativa e expressiva de valores biográficos comuns entre vida e obra “son forma y valores de la estética de la vida” (BAJTÍN *apud* ARFUCH, 2012, p. 47).

Dando continuidade a esse ensaio é necessário se pensar o conceito de memória relacionado ao ato de narrar. Sobre memória, Achugar (2006) afirma que “A memória, para um amplo setor da sociedade contemporânea, teria a responsabilidade de resgatar os esquecimentos a que haviam sido submetidos indivíduos, obras e fatos históricos” (ACHUGAR, 2006, p. 141). Assim, essas lembranças do passado voltam à cena na cultura contemporânea como denúncia de períodos traumáticos.

Durante algum tempo, a memória foi vista apenas como um emaranhado de experiências distantes ou próximas ao tempo presente do sujeito. Coracini (2010) em seu texto “*A Mémoire Em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida*”, por meio das obras do filósofo Jacques Derrida nos apresentam uma perspectiva outra de conceito de memória, “que nos remete ao passado, talvez à origem de nós mesmos que é sempre e necessariamente feita de outros”. Ao citar Derrida, Coracini afirma que:

[...] sua memória – se ousadia demais não for – para nos ajudar a contar uma pouco de sua vida. [...] Tessitura, tecido, rede que garante a sobre-vida daquele que vivo, nos presenteia(va), sem cessar, com textos que produze(ia)m outros e outros mais, que morto, continua vivo, mais presente do que nunca, na memória – que não se fecha – e nos textos que continuam abertos – escancarados – a múltiplas interpretações, prosseguindo sua missão, ou função, de inquietar, provocar, problematizar, convocar, comprometer. (CORACINI, 2010, p. 126.)

---

<sup>4</sup>Rostros, voces, cuerpos, se hacen cargo de palabras, sostienen autorías, reafirman posiciones de agencia o de autoridad, testimonian el haber vivido o haber visto, desnudan sus emociones, rubrican una política de identidad. Un concierto –o desconcierto- de voces que pueblan de atisbos biográficos toda suerte de discursos, infringiendo los límites, nunca nítidos, entre público y privado<sup>4</sup> (ARFUCH, 2012, p. 45, tradução minha).



O valor da memória leva para a narrativa a rememoração de um tempo passado em que a experiência de um único sujeito ou em contexto coletivo ganha fluxo para transmitir para o outro suas particularidades sociais, políticas e culturais. A temporalidade da narração é para quem narra um acontecimento traumático uma parte do processo de relatar, o distanciamento da época do sofrimento aflora o sofrimento calado no presente. Assim temos também a possibilidade e a impossibilidade de transmitir a experiência passada que passa pelo âmbito emocional de cada sujeito. Apesar de o trauma estar além da linguagem com o tempo ele necessita dela para se manifestar.

Por fim, neste trabalho aqui discutido – mesmo tendo em vista que não é possível parar e concluí-lo totalmente por aqui –, o que tentei proporcionar são discussões muito válidas para se pensar e nos pensarmos. Propus narrar o conceito de corpo epistêmico fronteiro e por extensão o meu corpo que em cena da/na fronteira sul. Ao decorrer deste ensaio procurei fazer uma breve discussão acerca de espaço, tempo e memória como movente elementos dessa narrativa.

Desse modo, este ensaio estabeleceu através da leitura crítica-biográfica e de saberes outros, que também contribuiu para articulação do corpo epistêmico fronteiro que propus discutir por epistemologia da diferença em Mato Grosso do Sul. Ou seja, a ideia de inscrição dos corpos assim como o meu da exterioridade, sendo, corpos do contra – modelo – é a fim de situar minhas discussões no campo da contraposição ao discurso moderno que toma todo e qualquer corpo disciplinado a partir de um olhar “estético”.

Mas da ótica da leitura crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015) aqui discutida quer-se alterar significativamente essa percepção de “corpo” estabelecido pelo saber cientificista ocidental/moderno, pensado desde sempre como único e exclusivo “corpo” do saber. Para contrapor essas questões, é a diversalidade cultural — de leitor, crítico, teórico e estudioso —, por isso, penso no pesquisador, que discute os corpos/lugares a partir das sensibilidades locais dos sujeitos, por exemplo, que vai nos propor leituras outras de (re)conhecimentos, reforçando nossos discursos e validando pensar os corpos outros que encenam a partir das suas narrativas bios/locais.

## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

ARFUCH, Leonor. Narrativas del yo y memorias traumáticas. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Florianópolis, v.4, n.1, p. 45-60, jan/jun. 2012

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens Biográficas Pós-Coloniais: Retratos da Cultura Local Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística II*. Editora Pontes, 1989.

CORACINI, Maria José. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica*. v. 2. n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 125-136.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 / 2008, p. 41-91. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697> - Acesso em: 18/02/2019.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. “Fronteiras da transdisciplinaridade moderna” In: HISSA, Cássio Eduardo Viana. (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 15-32. (Humanitas).

MANCILLA, Claudio Andrés Barría. *Geopoética dos sentidos, a/r/tografia e o patrimoniável em chave descolonial: por uma poética do Sul*. Poiésis, Niterói, v. 20, n 34, p. 83-104, jul./dez.2019.

NOLASCO, Edgar César. *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas*. Acervo do autor. 2019. Texto no prelo. 1-22

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

Artigo recebido em 26 de julho de 2019.

Artigo Aprovado em: 08 de dezembro de 2019.